

A COMPOSTAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

AVENTURA: salvar o planeta

Lena Rossi



Responsabilidade Social



- Mãe, por que a senhora não recicla o resto de comida, igual faz com as outras coisas?
- Porque elas não são recicláveis, filha.
- Como assim? Por que não dá para separar e lavar antes de descartar?

Mariana ainda almoçava e a mãe já adiantava a arrumação da cozinha. Ela juntava os restos de comida, as cascas dos legumes, de ovos e outros pequenos pedaços de vegetais, colocava tudo em uma sacolinha que se juntaria ao lixo. As caixas de leite e de outros alimentos, papel e embalagens plásticas, ela separava, lavava e entregava para os catadores de reciclagem que passavam para recolher. Após o questionamento da filha, a dona Helena parou o que fazia e se sentou.

— Mariana, eu sei que parece errado jogar comida fora, mas eu aproveito ao máximo, o que sobra não tem o que fazer. Como você mesma disse, não tem como lavar e separar.

— Neste ponto que eu quero chegar. Tem sim! — A menina abriu o sorriso e se levantou, passou por trás da mãe, tirou da mochila uma pasta plástica e abriu. Depositou sobre a mesa alguns papéis com desenhos e muitas coisas escritas. — Hoje, foram na escola uns alunos da universidade, eles mostraram um trabalho que estão desenvolvendo, chama-se compostagem caseira. E sabe o que é melhor? A gente pode fazer aqui em casa.

— Nem venha me dar mais trabalho, Mariana, eu já tenho bastante! Conheço esses seus olhos brilhantes e sei que vem coisa por aí — falou a mãe ao se levantar e voltar aos seus afazeres.

— Calma aí dona Helena, é mais fácil do que a senhora imagina. Vai é dar menos traba-

lho — Colocou a mão no peito. —, eu vou ajudar! E vamos fazer nossa parte, contribuir para um planeta melhor, com menos lixo.

— Sei... — resmungou a mãe, sem perceber Mariana olhar no papel para ler e em seguida pronunciar a última frase toda orgulhosa:

— É nossa responsabilidade social.

— Responsabilidade social... a tá, essa eu já conheço bem. Responsabilidade com o almoço, com a arrumação da casa, da louça e da roupa. Já está bom, não acha?

— Mãe, a senhora não está entendendo. É errado jogar fora essas coisas — Pegou algumas cascas de batatas e de ovos. — Tudo isso pode ser transformado em algo muito bom para as plantas. Chama-se... calma aí... vou ver.

— Húmus. — Mariana voltou seu olhar espantado para a mãe. — O que foi? Achou que eu não sabia?

— Achei — a menina respondeu com sinceridade — e sabe de onde vem este tal “negócio” que falou? São cocôs de minhoca!

A mãe riu do espanto da filha e começou a contar que o adubo que coloca nas plantas também pode vir dos dejetos de animais misturados com terra e outros nutrientes que ajudam as plantas a ficarem bonitas e bem alimentadas.

— Então está resolvido. Vamos fazer o nosso próprio... — Olhou de novo no papel. — húmus.



Aventura



Naquele dia, Mariana falou sobre o projeto a tarde toda. Explicou como elas poderiam ter uma compostagem caseira. Mostrou os panfletos com os desenhos e o passo a passo de montar as caixas e de como fazer o manejo.

Sem muita alternativa, a mãe olhou os papéis e por fim, gostou do que leu e viu.

— Vamos supor, — Elevou a mão. — que eu aprove sua ideia. Como iríamos encontrar essas minhocas?

— O pessoal da Universidade pode fornecer. Porque não é qualquer uma, têm as certinhas.


— E as caixas? Não tenho dinheiro para gastar.

— Então... aí é que entra o papai e os pais das meninas. — Mostrou outro papel. — Aqui está! O projeto deles é composteira caseira. Usar apenas o resto de alimentos da família. Neste caso, pode comprar caixas próprias, mas pode reciclar embalagens com tampa, como baldes. O moço falou algo muito importante.

— O que é? — quis saber a mãe, gostando do entusiasmo da filha.

— É preciso ter ajuda de um adulto para conseguir essas caixas, para furar e montar tudo certinho, igual mostra no papel. — Apontou.





— Muito bem mocinha, você me convenceu, agora precisamos falar com o seu pai. Combinado?


— Mais que combinado, mamãe! Vou trazer ajuda também, a Catharina e a Maria Clara querem participar dessa aventura.

— Que aventura?

— Salvar o planeta!

Durante a semana, o pai de Mariana examinou os panfletos trazidos pela filha da escola, então falou:

— Vamos pedir embalagens vazias em restaurantes, podem ser baldes de conservas ou potes grande de outros alimentos. Vou falar com os pais de suas amigas para fazerem o mesmo.



Chegou o grande dia. Mariana e suas amigas se juntaram para fazer “essa tal compostagem¹”.

Com a caixa de ferramentas, furadeira, as embalagens e tudo que iriam precisar, todos se reuniram no quintal da Mariana.

— Agora o próximo passo é escolher o local. Você já sabe, Mariana?

— Mamãe falou que é atrás da casa, perto da horta.

— Lá em casa é na varanda da sacada — explicou

¹ A compostagem é um processo que transforma o lixo orgânico em um adubo rico em nutrientes. Ela funciona como uma reciclagem do lixo orgânico, pois dá um novo destino aos resíduos que iriam para o aterro sanitário.

Maria Clara, já que ela morava em um apartamento. Ela havia conseguido três baldes redondos.

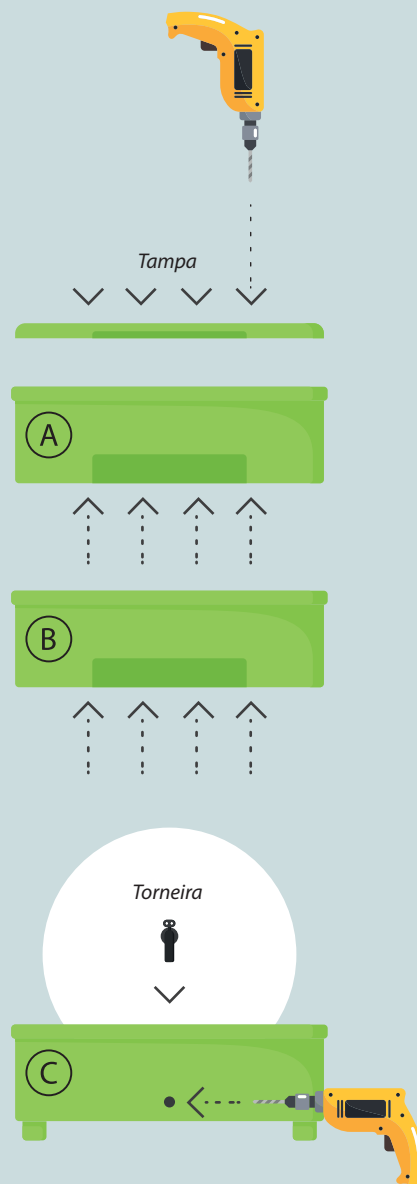
— O meu eu não sei ainda, papai e mamãe falaram que vão decidir depois de pronto — falou Catharina, aborrecida pela falta de interesse da família.

— Prontas para trabalhar? — perguntou o pai de Mariana — Primeiro vamos buscar a grama cortada lá da praça. Aproveitamos e trazemos um pouco de folhas secas de árvore. No folheto diz que vamos precisar desse material seco² para cobrir o material úmido.

Com um balde eles recolheram tudo que precisavam e voltaram para casa. O senhor Renato já havia coletado a terra suficiente para as composteiras das três meninas. Em seguida, pegou a furadeira para fazer os furos nas caixas e nos baldes.

As meninas ficaram encarregadas de organizar as sequências, que seriam: A, B e C. Em letras grandes elas escreveram em um papel e a dona Helena ajudou a fixar com uma fita adesiva larga. Assim, cada conjunto ficou com as letras.

Os furos médios foram feitos no fundo das caixas A e B. Furo fino na tampa. Na caixa e no balde C foi feito o furo para instalar a torneira bem na parte baixa.



² Material seco: grama, serragem e folhas secas.

— Tio, para que essa torneira? — quis saber Maria Clara.

— Você não lembra? O moço falou que iria formar um líquido, que precisa ser coletado e também pode ser usado para adubar as plantas.

— Eu não. E o que é este líquido? Xixi das minhocas? — Todos riram.

— Qual a graça? Já que o outro é o cocô, por que o líquido não pode ser o xixi, ué?!

— Está certa ela em perguntar — entrevistou a mãe de Mariana —, aqui no folheto diz que ele se chama chorume³, é um biofertilizante para as plantas. Explica direitinho como deve ser usado.

Após feitos todos os furos e a torneira instalada, o pai perguntou:

— Agora é hora de colocar a terra e as novas moradoras. Quem vai buscar as minhocas? Essa parte é por conta de vocês. — Elas se olharam e saíram correndo em direção a casa, onde tinham deixado as caixas de papelão.

Elas pegaram a régua para medir cinco centímetros, do fundo até onde colocariam a terra na caixa A.

— Não precisa ter toda essa precisão — falou o pai —, três ou quatro dedos já serão suficientes.



³ É um biofertilizante líquido, para uso deve ser diluído em água para ser pulverizado nas plantas na proporção de 1:10. Ou seja, para cada medida do chorume use 10 porções de água. que iriam para o aterro sanitário.

— Dos seus dedos ou dos nossos, pai? — perguntou a filha — Há diferença.

Sem resposta, Mariana e as amigas continuaram a medir e fazer a marca com uma canetinha.

Assim que terminaram foi a vez de colocar a terra e deixar bem espalhada. Aí sim, seria a hora das minhocas.

— Bom dia donas minhocas, sejam bem-vindas na nova morada, não vamos deixar faltar comidinhas para vocês, está bem? Então tratem de não fugir.

— Eu tenho que falar assim para as minhas? — Catharina riu.

— Acho melhor falar em inglês, Catha, afinal elas são estrangeiras — informou Maria Clara.

— Verdade. São minhocas vermelhas da Califórnia. Mas aposto que elas já se sentem bem brasileiras — respondeu Catharina.

Assim, elas transferiram as minhocas que começaram a penetrar na terra. Os restos de alimentos já estavam separados e foram despejados e espalhados. Por último, cobriram com o material seco.

— E agora? — perguntou Maria Clara — O que vamos colocar na parte B se usamos todas as minhocas?

— A caixa fica vazia, não se lembra?

— Não entendi. Para que ela serve então?

— Na hora que a caixa “A” estiver cheia, ela vai para o lugar da caixa “B” e a caixa “B” sobe, ela vai para o lugar da caixa “A”.

— Vazia?

— Claro que não Maria, vamos colocar os restos de alimentos, igualzinho fizemos aqui. Então a caixa “B” vira a “A”, troca de posição, e as minho-



cas vão sozinhas, sairão de uma caixa para a outra a procura de comida. Por isso é importante sempre colocar os restos de alimentos na caixa.

— Isso! E conforme tem o húmus na caixa “B” você tira e volta ela para a “A” e troca para a “B”, Este processo vai se repetindo. Entendeu? — perguntou Mariana. — Pelo jeito você não leu nada do material, porque está tudo bem explicado.

— Confesso que dei só uma olhadinha — confessou —, mas isso nem vale nota.

— Ai Maria... só você mesmo! Nem tudo que fazemos é para ganhar uns pontinhos. Neste caso, pense o quanto vamos deixar de poluir a terra, diminuir o trabalho dos lixeiros e ainda teremos terra boa para colocar na horta e nos jardins.

— Lá em casa não vai ter muita utilidade.

— Coloque em um saquinho e vai vender na feira — Catharina sugeriu. Ao ver os olhos da amiga se iluminarem, ela concluiu: — Estou zoando.

— Mas eu gostei da ideia — respondeu, Maria Clara.

— Já que você não leu “atentamente” os folhetos vamos te lembrar — Mariana mudou de assunto. — Catha, diga o que não pode colocar aqui?

— Hum... — ela começou — carne, óleo, cascas e os restos de frutas como laranja, limão e maracujá. Sabe, essas frutas ácidas. O que mais... derivados de leite e nem doce. Esqueci alguma coisa, Mariana?

— Acho que não, mas podemos verificar. E outra coisa que eles falaram é que os alimentos devem ser bem picadinho para facilitar o processo.

— Coitadinhas das minhoquinhas, elas não têm denti-



nhos... — Maria Clara ironizou e elas riram.

— Tudo pronto? Posso empilhar as caixas? As suas — Olhou para as meninas. —, vou colocar no carro para levar.

— Tio, muito obrigada por ajudar. Foi bem divertido.

A mãe de Mariana apareceu no quintal para ver a composteira.

— Acabaram? O almoço está pronto.

— Então deixe os baldes e as caixas aqui no coberto por enquanto, pai. Elas não podem ficar no calor e nem no sol.

— Verdade, senão elas vão sair das embalagens para ligar o ar condicionado do carro, tio — brincou Catharina.

— Certo, elas ficam aqui no fresquinho por enquanto. Vocês, mocinhas, agora vão lavar as mãos e nos encontramos na cozinha daqui a pouco.

Nova atitude



Nas semanas seguintes, a rotina de Mariana mudou completamente. Todos os dias, no final da tarde, ela picava e juntava as cascas de frutas e legumes, e colocava na composteira. Primeiro ela afastava o material seco e em seguida espalhava os restos de alimentos.

Ao perceber que a caixa estava quase cheia, ela pediu o pai para ajudá-la fazer a troca. Inverter a posição da caixa "B" para onde se encontrava a "A". Colocou o alimento do dia e cobriu novamente.

Todos os dias ela ia verificar se as minhocas haviam mudado de casinha, ou seja, de caixa, apenas quando percebeu que sim, elas estavam na caixa “B” Mariana e a mãe retiraram a caixa A para usarem o composto formado: o húmus.

— Precisa peneirar para usar? O que vocês acham? — perguntou o pai.

— Acho que não precisa pai, olha... o cocô das minhocas, ou melhor, o húmus, está bom assim para colocar nos vasos — Mariana respondeu, com a mão toda suja, ela mexia no húmus.

— Mariana, eu gostei bastante dessa sua ideia. Confesso que achei uma maluquice no início. Mas percebi que separar o material orgânico é tão importante como separar papeis, latas e plásticos.

— Eu falei! — Sorriu a filha. — Por isso é missão: “salvar o planeta”.

— Pensei que era aventura?

— Eu também, mamãe. É que durante o processo eu percebi que era muito mais que uma aventura. É nossa missão fazer a nossa parte.

O telefone tocou, era Maria Clara desesperada.

— Mariana, o que será que eu fiz de errado! As minhas minhocas sumiram!!

Ou não fez... pensou Mariana.

FIM





Cordenadora:

Tamara Maria Gomes

Editores:

Ana Cristina Machado

Delaine Goulart da Rocha

Fabrcio Rossi

Projeto Gráfico e Diagramação:

Paula Ubatuba Tannuri